

concluído
dia
25

TURMA DA BARRA

ANO
IV

EDITOR-REDATOR: EIDER MORAES

BRASÍLIA-DF

MAIO / N: 46

Cr\$ 3.000

1993

BARRA FAZ ANIVERSÁRIO

O camelódromo foi o principal presente que Barra do Corda ganhou ao completar 158 anos, segunda-feira, três. Mas, também, houve alvorada, missa, culto em ação de graça e a entrada em funcionamento de oito telefones públicos pela cidade.

Pela manhã, em cerimônia simples, o calçadão dos camelôs, em frente ao Mercado Público, era inaugurado pelo prefeito Elizeu Freitas. Batizado de Oadia Salomão, em homenagem à uma das tradicionais famílias cordinas, um princípio de tumulto quase roubava o brilho da festa. Alguns camelôs esbravejavam contra o presidente da sua própria Associação, Evangelista Franco, o Zé

do Pau, por não conseguirem espaço para suas barracas. O presidente do Sindicato dos Feirantes e Ambulantes, Walter Muniz, ajudava engrossar os protestos.

Completando o quadro de comemorações, oito orelhões entraram oficialmente em operação. No mesmo dia, o professor Galeno Brandes, acompanhado de várias personalidades, comparecia ao Cartório para registrar sob efeito especial o último fato do capítulo "efemérides", do seu livro "Barra do Corda na História do Maranhão", que provavelmente será lançado em julho. Esse livro já é tido como o mais completo e profundo sobre a história cordina.

Eleito Presidente

A república e o presidencialismo venceram folgadoamente o plebiscito em Barra do Corda alcançando quase 15 mil votos. Isto significa uma porcentagem de 75%. A Monarquia com 1.058 sufrágios, obteve uma taxa de 5%. E a república-parlamentarista, com quase 2 mil votos, registrou 9%. Mas o número de abstenções foi alto. Quase 60% dos 44.112 eleitores deixaram de comparecer as 179 seções eleitorais.

Casos curiosos chamaram a atenção. Na Aldeia do Ponto, dos 68 votos colocados na urna, 67 foram para o presidencialismo. No povoado Lagoa do Encontro somente nove eleitores apresentaram-se à justiça eleitoral.

Na apuração, a BR-226 foi muito bem votada ultrapassando os 500 sufrágios. Alguns porém preferiram escrever versos nas cédulas: "não me sinto culpado, e nada posso evitar, êta país desgraçado". Outros mandaram recados duros: "mudem-se as coleiras mas não mudam os cachorros". Teve também quem reivindicasse melhor salário aos professores.

Novos municípios

Mais de 100 novos municípios podem ser criados ainda este ano no Maranhão. Esta informação vazou à Turma através de um dos 15 membros da Comissão Especial criada para tratar exclusivamente do assunto, tendo na presidência o vice-governador Ribamar Fiquene. Jenipapô dos Vieiras e Santa Vitória devem realizar até outubro plebiscito para decidirem pela emancipação política.

TB INFORME TB

Fundo de Participação dos Municípios: em abril, o FPM repassado à Prefeitura cordina foi da ordem de 5 bilhões, 657 milhões, 958 mil, 392 cruzeiros e quatro centavos.

Comparando com o FPM de março, subiu mais de 20 por cento. Informação do Tribunal de Contas da União em Brasília-DF.

ICMS/IPI: o governo maranhense distribuiu à Prefeitura cordina o montante de 437 milhões, 270 mil, 281 cruzeiros e 33 centavos. Informação da Secretaria de Finanças em São Luís-MA.

Total recebido em março pela Prefeitura barra-cordense: 6 bilhões, 95 milhões, 228 mil, 673 cruzeiros e 37 centavos.

Salário Mínimo: a partir de primeiro de maio até 30 de junho, vale 3.303.300,00

Poupança de maio (rendimento em média) é de 28,86 por cento.

Inflação (IGPM/FGV) de abril foi de 28,83 por cento.

Dólar (paralelo) cotado em 25 de maio: 45.500,00

Informação: em Barra do Corda, Mandim Brasil é o encarregado e distribuidor oficial da **Turma da Barra**. Também na Merceria do Barata (Mercado Público) há exemplares à venda.

Preço desta edição: 3 mil cruzeiros.

MEIO TURMA**FUTEBOL**

Marcado para domingo, 20 de junho, torneio de futebol de salão da colônia barra-cordense. O local será no ginásio coberto do Guará, próximo à feira. Mais informações com Paulo Irineu (354-5166).

INCRA

Desde segunda-feira, três, o barra-cordense Antonio Sousa Martins Filho (Tonhão) é o novo superintendente do Incra em Roraima.

CARGO

Tonhão disse ao TB que está realizando como servidor do INCRA, "porque o meu nome foi sugerido pelos próprios colegas-funcionários em abaixo-assinado."

TONHÃO

O superintendente Tonhão nasceu no Nuru, tem 34 anos, e é filho de Leonia e Antonio Sousa. Já foi vereador e prefeito em Roraima.

BUTIQUE

A "Companhia Íntima", butique de Ana Cláudia Milhomem Lot, já está funcionando desde o início de maio na 208 (Asa Norte).

FALECIMENTOS

Basília da Costa Nunes (Dona Zizi), 79, enfermeira e parteira, falece vítima de edema pulmonar. Em Brasília, dia 4 de abril.

Manoel Martins Maciel (Manezinho), 65, falece vítima de diabete descompensada. Casado com Jaci Lobo, deixa 4 filhos e 3 netos. Em Brasília, dia 29 de abril.

BRUNO

Nasceu Bruno Braga Milhomem, filho de Ana e Ubirajara Milhomem. Em Brasília, dia 15.

VINHAIS

No retorno do Vinhais em São Luís inaugurado o tryler de Ronald Araújo Queiroz. Os cordinos estão convidados a degustar bebidas e sanduíches.

SELOS

A Turma recebeu selos postais de Suárez Cavalcanti, William Figueira, Francisco Brito, Giovanni Gaiotti, Rosa Passos, Enoque Melo, Nonato Silva, Raimundo José Pereira, Carlile Brandes e Janete Freitas.

CATETÉ

Faz vergonha o estado em que se encontra a escola do Cateté. Parece uma tapera.

SÃO FRANCISCO

Em São Francisco, nas areias, não tem escola nem professor. Mas sobra analfabetismo.

TURMA

Na cidade de Barra do Corda a Turma é vendida ao preço de 3 mil cruzeiros. Em Brasília e o restante do país, a assinatura anual equivale a 30 selos postais padrão.

ARTIGO**CEM DIAS DE GOVERNO**

*Marcos Pacheco
Recentemente fui convidado a fazer uma pequena exposição sobre o problema da moradia no Brasil para alunos do 2º grau, como parte das reflexões da Campanha da Fraternidade. Após a explanação, uma das alunas disparou à queima-roupa: "E se o sr. tivesse sido eleito Prefeito, o que estaria fazendo frente a esse problema?"

Respondi à pergunta e resolvi ampliar a minha resposta aqui no TB, apresentando o nosso esboço "Ações dos cem dias". São parte das medidas que tomaríamos nos primeiros três meses de administração, com reavaliação crítica norteadora de toda a equipe, para fundamentação técnica do nosso planejamento.

Educação: implantação de um programa de alfabetização de adultos, aproveitando grupos comunitários existentes no município. Fortalecimento da merenda como parte das reformas estruturais para combater a evasão escolar. Reforma e melhoria física em todas as escolas cuja comunidade apresentasse contrapartida de mão-de-obra. Concurso para capacitação/reciclagem no corpo docente do município, por regiões. Instituição do Conselho Municipal de Educação.

Saúde: unificação e hierarquização do atendimento nas unidades para melhor absorver a demanda. Ampliar o quadro de técnicos nas unidades hospitalares com um cronograma de interiorização. Capacitação de recursos humanos para a implantação dos programas de saúde em todas as unidades do município. Retomada das construções dos postos de saúde (1ª etapa: Caatingueiro, Resplandes, São José, Cacau, Cajazeira II e Santa Maria). Implementação dos programas de vigilância epidemiológica e sanitária. Fortalecimento do Conselho

Municipal de Saúde como fórum ordenador das políticas do setor.

Obras e saneamento: instituição de audiências públicas para discussão de um plano diretor para o município. Implementação de um grande programa de saneamento (melhorias sanitárias domiciliares e comunitárias), em convênio com a Fundação Nacional de Saúde. Manutenção de infra-estrutura, arborização e arruamento elementar na periferia, enquanto aguarda a aprovação do plano diretor pela Câmara Municipal. Criação de um programa de vias e açudagem, que já absorveria as frentes de trabalhos alocados no município.

Administração pública: execução do plano de cargos e salários com aumentos proporcionais aos aumentos da receita. Instituição de um organograma operacional para facilitar o fluxo de pessoas e ações na prefeitura. Fortalecimento da Associação dos Servidores Municipais, como fórum de discussões na área de pessoal e recursos humanos. Tombamento patrimonial e publicação de um boletim financeiro mensal com demonstrativos de receita e despesa. Intensificar a integração interinstitucional no município, como forma de melhorar o binômio eficiência/eficácia de suas ações como um todo. Definição de uma política de apoio aos setores de produção primária, secundária e terciária. Definição das políticas de Ação Social e Cultura.

Como se ver, são medidas exequíveis dentro da nossa realidade, de relativo baixo custo e alto benefício. Também não sobrarão muito espaço para negócios escusos, prevaricação, tráfico de influências, corrupção e retalhação política, tão comuns hodiernamente. A propósito, essas idéias são de uma equipe que souu a camisa, lavou, enxugou e já está pronta para sua-la novamente.

*Marcos Pacheco, 31, é médico residente em Barra do Corda.

CARTAS

Amigo Eider,

Com relação à matéria publicada na edição nº 45, que faz referência ao rolo compressor das demissões na Câmara Municipal, gostaria de esclarecer que à minha demissão do cargo de Secretário daquele poder, sem análise da ocorrência, portanto injusta, ato do Presidente Nenzin, no qual votei para vereador, na verdade nada teve haver com a questão do atraso na abertura da Câmara, motivo que levou o MM. Juiz de Direito, Dr. Fernando Eurico, a determinar o arrombamento da porta para a realização de júri popular e sim inveja e per-

seguição, arquitetada por uma servidora, ex-faxineira da Casa, o que levou a ocorrer o que ela maldosamente fez propositadamente com a finalidade de me prejudicar. Na ocasião, tanto eu como outros servidores estávamos liberados do trabalho pelo Presidente durante os dias de realização do referido júri popular quando permaneceram trabalhando por determinação do Presidente, apenas as servidoras da limpeza, cantina e telefone.

Iltamar Cavalcante
Barra do Corda - MA

TURMA DA BARRA

EDIÇÃO E REDAÇÃO: EIDER A. MORAES

Caixa Postal nº 09872 Brasília-DF cep 70001-970

VEREADOR OPOSIÇÃO

Turma: É verdade que dos 15 vereadores o sr. é o único da oposição?

Almeida: Não, não é verdade. Temos uma bancada de cinco vereadores. Essa história de que eu sou o único surgiu devido as minhas denúncias contras as demissões do Prefeito, do fechamento do hospital Acrísio Figueira, que os outros vereadores não tiveram assim a coragem de fazê-las.

Turma: Mas isso é estar sozinho...

Almeida: Muitas vezes sim. Quando faço uma denúncia, é difícil vir um vereador da oposição congratular-me, apoiar-me. Eles ficam calados.

Turma: E por que a oposição?

Almeida: Fui eleito por um partido contrário ao atual Prefeito, pra defender um outro tipo de governo. Tem gente me aconselhando a passar para o lado do Prefeito. Diz que eu falo demais. Mas, esse comportamento de vereador que se elege de um lado e passa para o outro não é correto. Eu não faço esse tipo de política.

Turma: A Barra tem tradição de não existir oposição.

Almeida: É porque os vereadores têm medo do Prefeito. Medo de represálias como redução de salários. A pressão é muito grande e muitos cedem.

Turma: Caso curioso. Na Câmara um vereador tido como da oposição nega dizendo-se de posição.

Almeida: Ele quer dizer que ele é ele mesmo. Independente. É o Wilson Hosoe. Não entendo muito essa posição dele.

Turma: E o vereador de remédios...

Almeida: É o caso do vereador Chico Rosário. A preocupação dele no mandato anterior era só dá remédios. É política paternalista. Ele não se preocupa em levar pra sua região obra nenhuma. O negócio dele é segurar o voto através do remédio.

Turma: Os vereadores da situação dizem que o sr. não é da oposição, é da acusação.

Almeida: Eles me tacham de despeitado, revoltado porque perdi as eleições apoiando Marcos Pacheco. Eles esquecem que eu ganhei a minha eleição para ser vereador atuante e não omisso. Se eu denuncio é porque acho que é esse o meu papel.

Turma: Na questão do Jurará, o sr. acusa o Prefeito de ter nomeado uma professora analfabeta.

por Eider A. Moraes

O vereador Francisco de Sousa Almeida (Chiquinho) é hoje a maior expressão da oposição em Barra do Corda. Não é para menos. Mesmo sendo o mais jovem vereador, com 31 anos, Chiquinho é também um dos mais experientes. No seu currículo registra-se além dos três mandatos, incursões como secretário da mesa e até mesmo o cobiçado cargo de presidente da Câmara Municipal cordina. Casado, quer ser o primeiro prefeito de Jenipapo dos Vieiras. Como curiosidade, revela que entrou para política por acaso, estimulado pela amiga Vera Kichute Brasil. "Mas de lá pra cá, faço política com "P" maiúsculo".

Almeida: E não foi só no Jurará. Em outros povoados também como Agrovila dos Currais demitiram uma professora de experiência, que lecionava há 16 anos, e botaram uma outra semi-analfabeta.

Turma: Por que a polêmica Jurará?

Almeida: Porque cheguei na Câmara e denunciei que trocaram uma professora capacitada por uma analfabeta. Aí me trouxeram um documento falso como essa professora tinha estudado na Barra em 1989 na Escola Ferreira Lima. Só que essa Escola está extinta desde 1978. Aí disseram que em 1990 ela tinha passado pela Escola Emília Brandes. A diretora também nega através do livro de ata.

Turma: E o que aconteceu.

Almeida: A comunidade do Jurará se revoltou e resolvemos pagar do nosso bolso as professoras demitidas, porque ninguém tem coragem de colocar pra estudar seu filho por uma pessoa que não sabe de nada.

Turma: Aliás, qual o comentário sobre a administração Elizeu?

Almeida: Já se passaram quatro meses e eu até agora não estou vendo nada. No interior, não passou a máquina na

estrada nem pintou colégio. Na cidade começou a construir a prefeitura. Mas naquele ritmo é pra concluir em 10 anos.

Turma: Com relação aos poços artesianos que o governador Lobão diz ter construído.

Almeida: Numa revista de dois anos do governo Lobão fiquei sabendo de poços e chafarizes nos povoados do Capim, Montevideu e Cajazeiras. Na verdade, não existem. Quanto as verbas tenho certeza que foram destinadas e os políticos comeram esse dinheiro.

Turma: Se o Jenipapo dos Vieiras for emancipado, o sr. é candidato a quê?

Almeida: A prefeito. Acredito que eu seja o candidato mais legítimo. Nasci no Jenipapo. Tenho três mandatos de vereador. Isso me dá um respaldo grande.

Turma: O que o Prefeito atual já fez por Jenipapo?

Almeida: Nada. A única coisa que tem é confusão e fuxico. Até a escola de 2º grau que eu implantei, hoje está à beira da falência. Demitiram professores e contraram outros que fazem "bico".

Turma: Outro tipo de assistência chega ao Jenipapo.

Almeida: Na agricultura o que temos é a Emater. Mas também não acho nem necessária porque o povo daquela região trabalha na forma rudimentar, da agricultura no "toco". Não precisa de orientação de técnico. Precisa é de crédito agrícola com juros baixos.

Turma: A atual composição da Câmara é melhor ou pior do que as duas anteriores.

Almeida: Ainda tenho saudade da Câmara de 1983. Era mais autêntica. Não existia tanto revanchismo. Existia mais irmandade. A de 1989 os vereadores não eram subservientes ao Prefeito. Hoje estou estarecido com o comportamento da grande maioria dos vereadores. Eles aceitam tudo do Prefeito. Numa análise, o nível intelectual melhorou. Temos hoje médico. Mas em termos de debates o nível caiu.

Turma: Para ser vereador, é preciso o quê?

Almeida: Ter amor e vergonha. Sou um vereador por convicção. Gosto de ser vereador. Eu não estou na política. Eu sou político.

PEQUENO ENSAIO SOBRE A MISÉRIA

*Luciana Martins

O cólera chegou mesmo no Brasil, virou epidemia de fato, e para nos notificarmos disso basta lermos diariamente as notícias veiculadas pelos maiores jornais do país. É lógico que não se poderia esperar o contrário, tendo em vista as péssimas condições de vida e salubridade enfrentadas pela maioria da população brasileira, que é completamente miserável.

São óbvias as razões desta chegada nefasta do cólera. Sabemos que a doença, a miséria, a pobreza, a fome (todas interligadas, decorrentes umas das outras) são flagelos sociais inseridos numa realidade amplamente nacional e que se mostram como diagnóstico fotográfico dos mais profundos problemas do país.

O cólera chegou porque não há saneamento básico, porque os pobres não têm onde cagar e não ser na beira dos rios, porque o lixo vai para os rios, porque o esgoto (quando há) cai nos rios, porque não há a mínima preservação de nosso ecossistema e, primordialmente, fundamentalmente, porque não há preservação do homem, o qual morre afogado na própria pobreza.

Isso tudo me faz pensar em Barra do Corda, onde recrudescer a miséria em todos os seus matizes. Cidade banhada por dois belíssimos rios, seu único alimento orgânico. Os rios, diga-se de passagem, são o chafariz de Barra do Corda (ela não precisaria de mais nenhum), eles são o encanto de lá, a beleza fulgurante encontrada ao final de cada rua. Mas, acima de tudo, os rios são o de comer e o de beber dos pobres, das crianças esfoameadas, das lavadeiras que tiram deles o seu quinhão.

Ano passado tivemos notícia da doença em Barra do Corda, logo depois não se falou mais no assunto. A doença foi "abafada" antes de seu alastramento. No entanto, ela está lá, eu a enxergo escondida no fundo escuro do Mearim, embaixo das pedrinhas do Corda. Descansando, esperando uma hora em que todos estejam desavisados para ressurgir. Se não for o cólera, é o tifo, a leishmaniose, as lombrigas, a barriga-d'água. Se não for o cólera, será a cólera de todas as doenças se arremessando contra o povo cordino.

Visão apocalíptica, pessimista, negativa, dirão alguns. Podem dizer o que quiserem. Não estou vaticinando uma desgraça, estou falando de uma desgraça que já existe, que já se manifesta há muito tempo; uma desgraça óbvia, que está diante de meus olhos e dos olhos de quem quer ver.

A Desgraça (com maiúscula, pois ela é uma entidade) está aí porque vimos sendo saqueados, literalmente surripiados de nossa consciência política, geradora de nossas riquezas culturais. Nossa consciência vem sendo roubada pela nossa ignorância

ao escolher quem governa o país, quem governa nossas cidades. Delegamos o direito de administração a pessoas totalmente incompetentes, interesseiras, fisiológicas, omissas. E também somos roubados de nossa consciência ao não sabermos enxergar nossa parcela de responsabilidade nesse quadro de misérias. (É a velha tese brechteana dos analfabetos políticos).

Os responsáveis são todos os indivíduos formadores de uma coletividade organizada e não podemos ficar a vida inteira nos esquivando disso. O próprio miserável faminto tem de se enxergar no espelho horroroso de sua fome para sair dessa inatividade e impotência que o prende à ignorância como o pesadelo noturno nos prende ao chão de nosso sonho cruel. Esse pobre miserável, que desconhece qualquer perspectiva de vida a ponto de nem saber abstrair a miséria de si para refletir sobre ela (essa miséria tendo virado a essência mesma do miserável), esse miserável precisa acordar.

Santa ingenuidade, dirão. E concordo. Mas é claro que sei que para o despertar dos miseráveis é mister que haja outros despertares. Lembrei-me agora (só para fazer um parêntese autobiográfico) de um domingo em que fui almoçar na paróquia do "Verbo Divino" que fica em frente a minha casa, na L-2 Norte, a qual, diga-se de passagem, eu não frequento por não possuir nenhuma religião. (Fui lá apenas porque sua proximidade era prática para o almoço.) No início da refeição, todos ficaram de mãos dadas e rezaram. No final da oração, o padre disse: "Senhor, daí pão a quem tem fome, e fome de justiça a quem tem pão!"

Eu me emocionei muito, possuída de um sentimento genuinamente cristão. Entristeci-me por causa da ausência dessa fome de justiça nos que têm pão, e por causa da ausência de qualquer outra fome (que não a do pão) naqueles que nada têm.

É de uma consciência reveladora que estou falando. De uma consciência individual de luta pela justiça. O que estou querendo dizer é que é necessário que as pessoas olhem para dentro de si mesmas e descubram lá, onde estão enraizados os seus valores, a sua parcela de responsabilidade dentro desse contexto amplo que é o estabelecimento de uma soberania nacional. Não há, portanto, soberania de nação sem indivíduos soberanos, sem indivíduos conhecedores de sua função dentro da sociedade. Sem que se saiba, de dentro, a parcela de obrigação que cada qual deve possuir para com o outro (ou seja, para com a coletividade, para com a constituição do mundo social) não será possível erradicar nenhuma miséria.

Nesse ponto, eu retorno à Barra do Corda. Tenho notícia pela Folha de São Paulo de 1983 (E lá se vão dez anos) de que nossa cidade apresenta uma porcentagem de analfabetismo significativa em comparação com o resto do país. Também há notícia de que o índice de mortalidade infantil de lá é assustadoramente elevado. A esses dados estatísticos é só juntarmos dados provenientes da simples observação do que vem a ser hoje a cidade. Quem visita a Trisidela, p. ex., vê claramente o que é o opróbrio de que estou falando. Não se enxergam criancinhas, enxergam-se gabiruzinhos com nariz expelindo catarro, arrastando-se no chão e confundindo-se com ele. Logo a Trisidela, aparentemente tão próspera por causa do comércio. Quem fica à beira-rio também se assusta com a inanição e com a barriga inchada dos filhos das lavadeiras. Quem vai tomar banho nas Pedrinhas, por sua vez, sente o cheiro forte do esgoto que lá escorre.

Enquanto isso, temos na praça da cidade o carnaval, que agora virou atração turística da Barrã. Milhares de pessoas se divertem (e com toda razão), usufruindo o direito a essa "alegria fugaz", a essa "ofegante epidemia" de que nos falou o Chico Buarque. Um carnaval peculiar que prescreve um acordo também peculiar (porque sem conflito) entre a Igreja e o Diabo, na medida em que se deixa interromper no horário da missa para que os fiéis possam rezar com tranquilidade. Peculiar porque se deixa interromper (também sem conflito) para que o prefeito da cidade discursasse e se autopromova nos alto-falantes onde tocam as músicas para que todos dance. Peculiares mais ainda as pessoas que se incomodam com os "esses" que o prefeito "engole" ao falar os plurais, enquanto deveriam era estar incomodadas com o que esse prefeito possa vir a fazer pela cidade em sua gestão. As preocupações fogem do seu alvo verdadeiro porque não há a consciência do que deva ser esse alvo.

É preciso que dancemos sim o carnaval, mas é preciso que essa energia carnavalesca deságüe em nosso cotidiano para que a embriaguez da festa se transforme em embriaguez de luta, e que a explosão daí decorrente nos acorde desse adormecimento improdutivo de consciências. Urge contestarmos essa cultura de ignorância e alienação, cultura de individualismo pós-moderno, de final de século e de milênio. Urge cuidar de Barra do Corda, esse microcosmo, e do Brasil, esse macrocosmo. Eu me preocupo seriamente com essa questão. Alguém mais se preocupa?

*Luciana Sousa Martins faz mestrado em literatura brasileira na UnB.

OLÍMPIO CRUZ

Poeta fui e do áspero destino
Senti bem cedo a mão pesada e dura
José Albano

I - TRAÇOS BIOGRÁFICOS

Aos 20 de outubro de 1909, nasce em Barra do Corda, Estado do Maranhão, **OLÍMPIO Martins da CRUZ**, filho de Zeferino Martins da Cruz e Vicência Craveiro da Cruz. Autodidata. Foi vereador e presidente da Câmara Municipal cordina. Desempenhou brilhantemente vários cargos públicos na sua área de atuação. Funcionário aposentado do SPI, hoje FUNAI, a quem serviu com profunda dedicação, lealdade e honestidade.

II - OBRAS

Puturã, poesia, 1946; Canção do Abandono, poesia, 1953; Rosas do Tempo, 1971; Vocabulário de Quatro Dialectos Indígenas do Maranhão, 1972, prefaciado pelo emérito escritor maranhense Nunes Pereira, com que concorreu ao Concurso Literário "Cidade de São Luís", promovido pela Prefeitura Ludovicense, obtendo menção honrosa na categoria Erudição; Clamor da Selva, poesia, 1978; Lendas Indígenas, 1981, vertida para o inglês e exposta na Universidade do Colorado, nos Estados Unidos da América; Cauré Imana, romance histórico, 1982. Inéditos: Espinheiros Floridos, trovas; Relatório Sertanejo, poemas folclóricos; Vaqueiros e Arreios. Escreveu hinos e canções patrióticos de real sabor literário. Fundou e presidiu o Grêmio Cultural Maranhão Sobrinho, e o jornal O Limiar, em sua cidade natal. Colaborou em jornais do Maranhão e de Brasília, onde fixou residência. Pertence à Academia de Letras de Brasília, ocupando a cadeira nº 19, patroneada por Maranhão Sobrinho, bem como ao Círculo Literário de Brasília, Casa do Poeta Brasileiro, Movimento Poético Nacional e Sociedade de Homens de Letras do Brasil, seção do Distrito Federal, Academia Maranhense de Trovas, cadeira nº 10, patrocinada por Trajano Galvão. Participa das coletâneas Poetas do Brasil e Anuário de Poetas do Brasil, sob a responsabilidade de Aparício Fernandes. Está incluído em obras de Clóvis Ramos,

Carlos Cunha, José Nascimento Morais Filho e Jomar Morais. Seu nome e sua obra literária figuram na Enciclopédia de Literatura Brasileira, de Afrânio Coutinho, e Dicionário de Poetas Contemporâneos, de Francisco Igreja, da Oficina de Letras e Artes do Rio de Janeiro.

III - CARACTERÍSTICAS

O Brasil não teve Idade Média. Em razão disso, os romancistas e poetas indianistas o foram de fachada. Mas, Olímpio Cruz, ao lado de Rondon, Vilas Boas e outros, foi o mais legítimo dos indianistas, suplantando-os na forma e no fundo. Fez renascer o indianismo no seu vértice e no seu pórtico, ao lado de um sertanismo coerente, cantando e descrevendo os costumes, as tradições, a religião, a etnia, sobretudo a língua desses esquecidos aborígenes. Mesmo não competindo com "tuba sonora e belicosa", mas com "fauta rude", urde poemas de caráter épico, à inspiração das "Tágides" e "Ninfas", de sabor virgiliano. Perseguiu o conceito de Spencer: "Ao poeta, a subordinação das leis da natureza", porque o homem de letras engaja-se na tarefa de buscar a identidade. Assimilou a sentença de Monteiro Lobato: "Nossa verdadeira vocação é procurar algo que valha a pena ser". Por isso, vive a filosofia literária do presente, aproveitando a beleza do passado, sendo um legítimo "ontólogo do presente", no juízo de Foucault, associando "pensamento histórico e pensamento utópico" consoante Habermas. Seus versos e sua prosa, de leveza e clareza incomuns, feitos sob encomenda própria, transpiram elevada cultura orgânica e ativa, permeando todos os aspectos desse homem de letras, que encarna e projeta o poeta, o jornalista, o folclorista, o romancista e o etnógrafo, longe da imitação servil. É que se adensa na floresta das mais puras essências do vernáculo, dando a mais alta comuni-

cação artística, literária e dialética, em epígonos terminológicos, buscados em raízes clássicas, com trabalho escatológico e epistemológico, concisão crítica, na mais rica gratificação intelectual. Por isso, Barra do Corda e o público, num gesto de grandeza e num arroubo de reconhecimento, hão de tributar-lhe as mais opimas homenagens, no cimento de sua multifacetada obra literária.

IV - Florilégio

O ÍNDIO MORTO

Olímpio Cruz

Ei-lo, tão magro, morto,
desprezado,
Tendo por leito esfarrapada
esteira;
Ele que é tudo, o filho mais
sagrado
Da genuína raça brasileira.

Vede, senhores, morto, abandonado,
Envolto em simples ramos de
palmeira!
Não pede mais a proteção do
Estado,
Nem mais abrigo à sombra da
bandeira!...

Para viver assim desprotegido,
Melhor lhe fora não haver
nascido,
Para não ser da Pátria a rude
escória...

Triste é dizer, mas é verdade
pura,
Apenas teve franca - a sepultura,
E eu faço reticência nessa
história!...

*Raimundo Nonato da Silva, 74 anos, é o presidente da Academia Barra-Cordense de Letras.

TURMA MAIOR**ANTOLOGIA**

Sem qualquer ônus financeiro, os poetas maranhenses estão sendo convidados a participarem do livro "Antologia da Poesia Maranhense Contemporânea". Inscreva-se até 30 de junho. Informações escreva para o SIOGE (Rua Antonio Rayol, 505, São Luís - MA).

ZÉ DOCA

A Câmara Municipal de Zé Doca-MA aprovou dia 13 processo de impeachment do prefeito Luis Mascarenhas. É o efeito pós-Collor.

ESCOLA

A Escola Comunitária Mestre Bombardo (de alfabetização de filhos de pescadores), após a mudança de prefeito deixou de receber verbas para sua manutenção.

POR QUE

Nessa Escola estudam 138 crianças e lecionam duas professoras. A Associação dos Pescadores aos trancos e barrancos vem arcando com as despesas.

Perguntar não ofende: por que até em alfabetização de crianças há perseguição política?

MUCURÓDROMO

Três de maio, o prefeito Elizeu inaugurava o mucuródromo, o calçadão especialmente construído aos camelôs entre o Mercado Público e a praça Getúlio Vargas. De repente pipoca um bate-boca.

ZÉ DO PAU

O presidente da Associação dos Camelôs, Zé do Pau, não sabia como acomodar 72 barracas em um espaço onde só cabia 68. Explicação: ou o projetista errou nos cálculos ou as barracas ultrapassaram as medidas.

ÁRVORES

O projetista porém esqueceu de colocar árvores para amenizar o calor. Será se ele suportaria trabalhar à tarde no mucuródromo?

Mucuródromo é nome originário da Mucura, povoado onde o Prefeito nasceu.

PESCA

O prefeito de Joselândia, Deusdete Gomes, e o de Presidente Dutra, Jurandyr Carvalho querem acabar com a pesca predatória na barragem do Flores. Cearenses e potiguares estão dizimando-a.

POETA

Quinta-feira 13, o poema Plenilúnio de Maranhão Sobrinho foi declamado na Academia Maranhense de Letras para homenagear o poeta francês Mallarmé.

FILA

Faltam funcionários nos Correios da Barra. Pessoas idosas enfrentam horas e horas de filas em sol abrasador para receberem os minguidos benefícios do vale gás. Por que a prefeitura não resolve esse problema vergonhoso?

POSSE ACADÊMICA

Praticamente acertada para a segunda quinzena de julho, a cerimônia oficial de posse dos 20 membros da Academia Barra-Cordense de Letras. Livros devem lançados e várias personalidades do mundo literário estão sendo convidadas.

O atual presidente da ABL, professor Nonato Silva, está preparando uma pequena antologia dos poetas e escritores cordinos. O orador oficial, Galeno Brandes, e o ex-juiz de direito de Barra do Corda, Josemar Lopes, acertam os últimos detalhes para o lançamento dos seus livros.

Mais de 30 intelectuais estão cotados para ocuparem

as 20 cadeiras da Casa Maranhão Sobrinho. A Turma divulga em primeira mão a lista: Raimundo Nonato da Silva, João Pedro Freitas, Galeno Brandes, Coracy Piauilino, Olímpio Cruz, Éden Salomão, Nicanor Azevedo, William Figueira, Aciran Martins, Osmar Monte, Rubem Milhomem, Celso Araújo, Antonio Almeida, Laura Martins, Cláudio Roland, Olinda Ribeiro, Suárez Cavalcanti, Hélio Maranhão, Delta Martins, Raimundo Nonato Cruz, Antonio Almeida, Domingos Augusto, Josemar Lopes, Francisco Brito, Luis Pires, Lourival Pacheco, José Americano, Aldaléa Lopes, Francisco Brandes e Antonio Carlos Lima.

**BARRA DO CORDA
FUNDANDO DE NOVO**

*Rubem Milhomem

Barra do Corda completa 158 anos... O que há pra comemorar? A paisagem cordina é a mesma. De Melo Uchoa, que em 1835 fundou a cidade, a Antonio José, a nova estrela da televisão local. De Fortunato Fialho, o primeiro prefeito, a Elizeu Freitas, o atual, o cenário político esse parece injustificável. Em 99 anos de prefeituratos sucederam-se 28 governantes municipais para produzir o que aí está. A terra que já foi Santa Cruz da Barra do Corda e Barra do Rio das Cordas, continua sendo, politicamente, Barra do Nada. Acreditem: Barra do Corda ainda não teve força política suficiente para, dentre outras, dar fim à novela do asfaltamento da meia dúzia de quilômetros da BR-226 que separam a cidade da civilização.

É tentador, mas seria inútil, de tudo o que aqui se diz, pretendermos promover a lista dos culpados pelo malogro de mais de século e meio de Barra do Corda. Há uma questão mais relevante. O fiasco cordino parece, apesar de tudo, não nos envergonhar. A verdade que nos persegue, crua, parece não nos incomodar. Sim, o povo, das praças, parece aceitar a vocação para a mesmice que lhe empurra goela abaixo a sucessão das décadas perdidas. Sim, Barra do Corda suporta sim uma elite, em toda sua extensão, escandalosamente preguiçosa e insensível de seu papel. A sociedade, de todo, está resignada. Insiste na miopia da acomodação. Foge à realidade que a humilha, embora esteja

farta de saber aonde leva este caminho: a cidade será sempre a mesma.

Não se pretende aqui anunciar o fim do mundo, mas constatar sem pudores que assim continuam os carnavais. E a cidade das festas, cujos atores a crônica cordina já dividiu-os em filões e filados, é também a cidade dos jovens sem oportunidade: gerações inteiras se exilam pelos quatro cantos do país em busca de estudo e emprego. Uma massa de renegados! Como em sociedade se sabe: de cada dez pessoas que se dão bem em Barra do Corda, nove não são de lá!... Nada de discurso contra os não-cordinos. Mas é incomum o desprezo que Barra do Corda tem por seus filmes...

O que há pra comemorar?... É doloroso dizer, mas prevaleça a lucidez: nada. Reconheça-se: Barra do Corda nada tem. Nem história. Ora, 158 anos de uma história que ninguém conhece decreta por si só 158 anos sem história. E é por essas e por outras que às vezes soa patético falar de um certo Fortunato Fialho. A esta altura, como convencer alguém de que ele não se trata de um extraterrestre vindo de marte?... Parece o cúmulo, mas isto é mais um angustioso desinteresse ao momento. Este nos impõe, urgente e inapelavelmente, que é preciso recomeçar tudo. Há portanto, senhores, apenas uma solução digna para o blefe cordino: é preciso convocar Sérgio Nava, empoar o Espinha Brasa e fundar Barra do Corda de novo.

*Rubem Milhomem, 22, é poeta residente no Guará-DF.